

Peculiares costumes locais e a percepção dos moradores em relação à atividade turística local - Ouro Preto – MG

Kátia Trigueiro¹

Resumo: Ouro Preto, a primeira cidade brasileira a receber o título da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO –, de Patrimônio Cultural da Humanidade, por seu singular valor histórico, recebe diariamente um fluxo intenso de turistas, vindos de toda parte do mundo, atraídos por diversos motivos. Esses querem desvendar os segredos desta cidade do século XVIII, seja andando por suas estreitas ruas ou observando o casario que se mantém em bom estado de conservação e toda sua paisagem, que nos transporta a tempos remotos. O morador local, com o olhar habituado à paisagem, não vê como o turista, valorando de forma diferenciada, a partir de seus referenciais. Esta percepção pôde ser observada, durante um ano, na comunidade do Morro São Sebastião, um bairro da cidade de Ouro Preto, através dos estudos feitos em projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. Desta forma este artigo, a partir dessa comunidade, pretende destacar significativamente as peculiaridades dos costumes do morador desta localidade, como também sua percepção em relação à intensa atividade turística que ocorre neste destino.

Palavras-chave: Cultura. Tradição. Turismo.

1. Introdução

As viagens confirmam a necessidade que os povos têm, de observação e conhecimento de outros povos, neste contexto a atividade turística se afirma como uma das responsáveis pelo deslocamento de várias de pessoas, ao longo dos anos.

Ouro Preto, como a primeira cidade brasileira a receber o título da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO –, de Patrimônio Cultural da Humanidade em 1980, por seu singular valor histórico, recebe diariamente um fluxo intenso de turistas, vindos de toda parte do mundo. Sendo que os motivos que levam a conhecer o local e demais cidades históricas são os mais variáveis possíveis.

¹ UnB. E-mail: ktrtur@yahoo.com.br

A população da idade de Ouro Preto é bem diversificada, o que pode ser observado na afirmação de GRAMMONT (2006, p.462-463):

Quanto à população, o Município de Ouro Preto conta cerca de 66.277 habitantes e, desse total, em torno de 56.292 estão concentrados na área urbana e 9.985 na área rural. É importante ressaltar que a área rural é composta por distritos, dentre os quais, alguns tão antigos quanto o próprio núcleo tombado, como Glaura e São Bartolomeu.

A população é bastante diversificada, em parte devido à intensa migração para as minas ocorrida ao longo do século XVIII, tendo sido possivelmente o maior movimento migratório interno do Brasil. É composta por descendentes de várias regiões do país, de portugueses e de escravos, além de outras nacionalidades minoritárias que foram atraídas pelo ouro do período colonial. Mais recentemente, outros grupos foram atraídos para a cidade, sobretudo a comunidade universitária, presente em Ouro Preto desde a fundação da Escola de Farmácia, em 1839, e da Escola de Minas, em 1876, hoje incorporadas à Universidade Federal de Ouro Preto; além disso, contam-se também artistas e intelectuais², atraídos para a cidade após ser redescoberta pelos modernistas em 1924; e um grande contingente de turistas.

Essa conformação variada, em um cenário histórico, configura Ouro Preto como um lugar peculiar. Interesses diversos coabitam a cidade de forma singular e interessante, ora conflituosamente ora harmoniosamente. Uma ocasião singularmente propícia para apreciar essas diferenças é a Quarta-feira de Cinzas, tradicionalmente celebrada pela comunidade católica da cidade: senhoras cobertas por lenços e faixas emblemáticas de antigas e atuais irmandades seguem no início da manhã em direção às várias igrejas de Ouro Preto e aí encontram inúmeros jovens, entre turistas, “estudantes e nativos³”, regressando da folia carnavalesca.

Este trabalho é fruto de experiências vivenciadas durante estudo e pesquisa no projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, intitulado “Memória e Cidadania: Projeto Piloto na Comunidade do Morro São Sebastião em Ouro Preto (MG)”, com duração de um ano, ocorrido de abril de 2004 a maio de 2005, e objetivos de dar subsídios ao planejamento turístico do Município. O projeto contava com o envolvimento de alunos das seguintes áreas acadêmicas: Turismo, História, Nutrição, Direito, Biologia, Engenharia Ambiental e Engenharia Civil, além da área do docente orientador, arquiteto urbanista, envolvido com questões de patrimônio. Pontos estratégicos foram visitados, tais como: a Igreja de São Sebastião, o posto de saúde, a escola, os bares, ruínas, o Mosteiro Zen Budista, as nascentes do Rio das Velhas e as áreas de exploração e extração de rochas. Visitas sucessivas à comunidade e entrevistas informais também contribuíram a preparação de um questionário multidisciplinar (envolvendo todas as áreas) e com questões abertas e fechadas, para que pudesse compor o *roll* de técnicas utilizadas para obtenção de informações, a fim de obter

² Notas da autora: A poeta americana Elizabeth Bishop, os artistas Guignard, Scliar e o grupo Living Theater viveram na cidade, além do pintor Carlos Bracher e outros que ainda residem em Ouro Preto.

dados sobre o costume e tradições do local, além de buscar conhecer a opinião do morador em relação ao turismo e a exploração local de quartzito. Segundo dados do posto de saúde local, teríamos 215 casas cadastradas, então, logo após o pré-teste ficou definido que seriam aplicados 100 questionários, de forma aleatória. (TRIGUEIRO e VILLASCHI, 2005, p. 420, apud BAHL, 2005). A partir de dados obtidos através de informações passadas em entrevistas diretas realizadas com pessoas de “relevante importância e influência”⁴ do local, nesse artigo pretende-se fazer um recorte, tendo como foco os costumes peculiares do local; tais como festas, alimentação, hábitos da população, etc.; e a percepção apreendida, sobre a intensa atividade turística local, a partir da visão do morador.

Esse artigo é subdividido em quatro seções, sendo a primeira utilizada para descrever o lugar e suas características físicas, como também seu povo e o motivo de atração de outros ao local. Na segunda seção busca-se expor costumes peculiares do local, a partir de duas festas típicas da região, que envolve toda a comunidade. A terceira seção trata-se de conhecer a opinião do morador do Morro São Sebastião; amostra significativa e representativa da opinião do morador de Ouro Preto; em relação à atividade turística local, sua participação e seu lazer. Por fim são feitas considerações finais, assinalando-se os pontos mais relevantes e observações relacionadas.

2. O Lugar

Ouro Preto, diferentemente de outras cidades históricas, ainda fervilha convívio em cada esquina. Todo o núcleo histórico é tombado, ou seja, as edificações e seu entorno, morros e vegetação, porém, se compararmos fotos de três décadas atrás com as atuais, certamente será possível perceber principalmente como se destaca a ocupação desordenada dos morros, no entorno dos monumentos, o que causa impacto visual em todo o conjunto arquitetônico, que, entretanto não deixa de ser uma necessidade tida com o passar dos anos. Pode-se observar que esse não é um problema de nosso objeto de estudo, o Morro São Sebastião, que ao contrário de outros morros, ainda não tem uma ocupação desordenada, talvez, por causa de seu difícil acesso. Grande parte da população não vê com bons olhos que uma autoridade impeça o trânsito no centro, com a finalidade de proteger o patrimônio, ainda que isso lhes custe o

³ Notas da autora: “Estudantes e nativos” são a designação utilizada na cidade para alunos da Universidade Federal de Ouro Preto e do CEFET e moradores nascidos ou permanentes da cidade, respectivamente.

⁴ Essas pessoas foram apontadas pela própria comunidade, a partir do convívio diário com os pesquisadores, sendo geralmente, líderes comunitários, pessoas idosas e antigos moradores, descendentes com arquivos e fotos.

infortúnio de um chafariz ser destruído por um caminhão⁵, por duas vezes. Apesar desses contratempos a cidade encontra maneiras de integrar o velho e o novo, visto que há uma demanda das pessoas por novas necessidades.

“... A “embalagem” que se dá ao patrimônio histórico urbano tendo em vista seu consumo cultural, assim como o fato de ser alvo de investimentos do mercado imobiliário de prestígio, tende a excluir dele as populações locais ou não privilegiadas e, com elas, suas atividades tradicionais e modestamente cotidianas” (CHOAY, 2001, p.226)

O Morro de São Sebastião é um lugar pacato e de lindas paisagens, que encanta a todos. Nestas visitas os entrevistadores tornavam-se entrevistados, pois a população procurava se resguardar ao máximo, antes de dar maiores informações, após esta troca de informações, os moradores sentindo-se mais tranquilos eram constantemente receptivos. A origem do bairro se deu através de três famílias que foram morar no local, mesmo sem acesso fácil, cresceram e o compuseram inicialmente. Atualmente o local é povoado por famílias da origem do bairro, como também por outras, por intelectuais, artistas e diversos, que na maioria das vezes escolhem o lugar para ali viver. Os moradores do bairro se consideram verdadeiros afortunados por residirem no local, e esse atrai moradores de toda a parte, desde belorizontinos a estrangeiros. A população mais antiga restringe o acesso a estranhos como pode e poucas vendas imobiliárias são feitas. Sempre é feita uma seleção dos futuros moradores, por exemplo, as casas não são alugadas a qualquer forasteiro sem que o proprietário tenha nenhuma informação, procura-se inicialmente saber quem é a pessoa, inclusive para se estabelecer um contato. É fato curioso, até para os moradores do local a existência de três locais destinados à prática de Santo Daime, em residências no bairro. Alguns moradores comentam o fato com estranheza, dizendo não entender sobre a seita, tal falta de familiaridade se dá pelo não pertencimento ou total desconhecimento a respeito, já que a maioria da população é praticante da religião católica.

3. A Religiosidade

O bairro possui apenas um patrimônio tombado, isoladamente, que é a Capela de São Sebastião. Segundo documentação de tombamento do IPHAN, essa primeira capela é do período de 1708-1720, no frontão da capela atual temos a data de 1725, essa teria sido construída com doações dos moradores locais. A religiosidade esta presente na vida dos moradores locais como um bem maior. Portanto temos na capela e em seu adro o palco de

⁵ O primeiro destes acidentes ocorreu no dia 05 de novembro de 2002.

vários acontecimentos importantes para essa comunidade. Em mais visitas a capela pode-se observar que o adro da igreja, todo feito em madeira, foi retirado e substituído, grande parte das imagens roubadas, mas a fé continua intacta e forte. O morador e também zelador da capela, relata que é recente o sistema de alarme colocado na igreja, o que trouxe mais tranquilidade aos moradores do local. Segundo TAMASO (2007), a relação simbólica é rompida com a retirada dos santos da igreja, acontecimento observado em Goiás Velho-GO, onde as imagens têm que ser substituídas por novas doadas, o acervo vai para museus ou é roubado. Em Ouro Preto pode-se observar que há a opção de vivenciar o espaço das igrejas e dos museus específicos de oratório ou arte sacra.

A devoção é tão grande que os moradores procuram possuir capelas particulares, tal como a de Nossa Senhora de Lourdes, em suas residências, estas são em menor tamanho, porém tem programação freqüente, tais como novenas e grupos de oração, já que as celebrações na Capela de São Sebastião não são tão freqüentes como os moradores desejam, pois esta pertence à Paróquia do Pilar, no centro da cidade.

Durante o estudo foi encontrada uma documentação do século XVIII na Capela de São Sebastião e nos arquivos da Câmara Municipal, ambos ainda nem catalogados, além de documentação da Sociedade Beneficente Nossa Senhora da Saúde, fundada no Morro de São Sebastião em 1896. A documentação encontrada na igreja são escriturários de receitas e despesas de devoção da Capela de São Sebastião, do ano de 1883. Essa foi guardada pelo Sr. João, sacristão da igreja, da melhor forma possível, mas não com os devidos cuidados de conservação, limpeza e catalogação que deveriam ter. São registros de batizados e de doações feitas a igreja, que para um historiador pode simbolizar a chave que abra a porta do passado e proporcione desvendar fatos ocorridos, mas que para nosso morador em questão, muito supostamente deve ter sido guardado por ser algo da igreja católica, que o mesmo desconhece, mas que considera santo e que precisa de cuidados, sem mais porquê. Mas uma vez se observa a diferença de valores dados a um mesmo bem, em função do referencial. Tal como evidencia CHOAY (2001, p. 208), o sentimento de pertencimento do morador local, na maioria das vezes é voltado para o lado espiritual, a religiosidade, percebe-se o “antagonismo entre dois sistemas de valores e dois estilos de conservação”, uma tendência voltada para o vize da rentabilidade, podendo mudar de lugar objetos sacros ou criar novas leis para monumentos ou cidades, numa invenção de novas modalidades de valorização: “Lembro-me de um amigo do

Magreb que se indignava ao ver atribuir-se um valor artístico e histórico a monumentos cuja significação, a seu ver, devia ser exclusivamente religiosa”.

4. Os Costumes e as Festas

Durante a pesquisa foi descoberta documentação da Sociedade Beneficente Nossa Senhora da Saúde, particular e sem fins lucrativos, com estatuto de 02 de fevereiro de 1896. Esta sociedade tinha como função beneficiar seus participantes e parentes em caso de doença, falecimento ou invalidez. Essa documentação foi encontrada com o morador Francisco Geraldo Alves, popularmente conhecido como Chico Lua. O mesmo informou que tem vontade de reativar a sociedade, mas que não deseja que a mesma seja pública. Esse guarda como relíquias toda a documentação da sociedade.

Tal como relatado por TAMASO (2007) em palestra sobre sua experiência com a comunidade de Goiás Velho, em Ouro Preto também podemos observar que as imagens de santos também possuem cabelos naturais, fruto de devoção e sacrifício de algum religioso ou pagamento de promessa de fiel.

A comunidade festeja as seguintes festas religiosas: Festa do padroeiro, São Sebastião, sempre no dia 20 de janeiro; Festa de Catarina Mendes⁶ - lugarejo próximo - em maio; Festa da comunhão - datas eventuais definidas pela igreja e Festa de Nossa Senhora da Saúde em setembro.

Dentre as acima relacionadas, duas se destacam por apresentar aspectos de comensalidade. Tal como apresentado por KLAAS WOORTMANN em palestra, sabe-se que “a festa constrói a comunidade, retorna-se, não morreu, são eliminadas coisas antigas e introduzidas coisas novas, mas continua sendo **tradição**. Que é o fazer a festa sem purismo, é o passado que no presente constrói as possibilidades do futuro”.

A primeira a ser relatada será a Festa da Comunhão, que festeja o sacramento da comunhão na religião católica. A preparação para o sacramento é semelhante à feita em outros lugares. Há toda uma preparação para que a festa ocorra. No rito da primeira comunhão os participantes só podem receber a hóstia consagrada após estarem preparados, o que indica que esses sabem o catecismo, sendo assim, recebem orientação uma vez por semana durante vários meses, até que então a data seja marcada. A comunidade reúne aproximadamente dez crianças e/ou jovem e no dia da comunhão, geralmente feita aos domingos, as famílias das

⁶ Lugarejo situado a poucos quilômetros do Morro São Sebastião que guarda a tradição de habitar parentes de moradores do morro. É estabelecida uma relação de amizade, como se o local fosse a extensão do outro.

crianças que recebem o sacramento preparam um verdadeiro banquete para que todos, sem exceção, parentes e freqüentadores da igreja possam se fartar, numa peregrinação, de casa em casa. Procura-se colocar a mesa o que se tem de melhor, numa verdadeira comunhão com os outros.

A segunda festa que chamou muita atenção foi a Festa da padroeira, Santa Quitéria, de Catarina Mendes, lugarejo próximo ao bairro, realizada todos os anos no mês de maio. A festança é organizada por voluntários e com doações, sempre é preparado um almoço, que será servido gratuitamente na “praça” do povoado. Os moradores do local não são muitos, a estrada é de terra e limita o acesso. Os moradores do Morro São Sebastião e seus parentes, mesmo que não residam no local, participam em peso, também são convidados moradores do entorno. Mais uma vez é observado que se faz presente habitus relacionado a comida neste local. Alguns outros eventos de integração já ocorreram no local, a maioria tenta acrescentar algo de gastronomia mineira (quitandas para lanches, pratos que incluem o orapronobis, dentre outros), porém não tiveram tanta representatividade quanto os aqui descritos anteriormente.

5. O Turismo e o Lazer para o Morador Local

Inicialmente se faz importante ressaltar que o turismo é um fenômeno sócio-cultural e econômico que interfere no espaço, dependendo diretamente da paisagem e principalmente de cada comunidade. De forma mais objetiva e em relação à necessidade de deslocamento que está implícito neste, podemos dizer que é uma atividade que incentiva a visita de determinada localidade, gerando necessidades para que a visita ocorra, sendo estas necessidades principalmente relacionadas a prestação de serviços e ao consumo. A visita ao local deve ser agradável e instrutiva, ou preferencialmente educativa. Por sua característica multidisciplinar torna-se de difícil entendimento, principalmente para não especialistas, a cadeia produtiva gerada por esta atividade, que inclusive pode chegar a atingir cerca de 52 setores da economia.

No questionário havia um total de 16 questões relacionadas ao turismo, sendo que 10 dessas de forma direta. Partindo a análise destas, pôde-se observar que alguns moradores receberam com certa estranheza, perguntas sobre o turismo no local, acrescentando inclusive que “naquele local não se tem, nem deve ter turismo”⁷. A percepção de alguns moradores em

⁷ Fala de um dos entrevistados, morador local, referindo-se a ausência da atividade turística no bairro.

relação ao turismo não condiz com a realidade. Temos que a atividade turística não é somente a que ocorre no centro histórico de Ouro Preto, as comunidades periféricas, tais como a estudada, também podem se organizar para o turismo, principalmente definindo o perfil de seu turista e/ou do tipo de turismo que quer para si, ao decidir por atividades que desempenhará em função de sua potencialidade. A atividade já ocorre de forma incipiente e desordenada no local. Para que isto ocorra de forma equilibrada e sem interferências bruscas para a comunidade, a mesma deve entender o turismo e se adaptar a nova situação, principalmente o “autóctone deve ser avisado de que pode haver eventuais repercussões negativas” (KRIPPENDORF, pág. 68).

A comunidade não reconhece o “forasteiro”, mesmo que este resida no local há mais de 50 anos, mas em contra-partida reconhece que houve melhorias na infra-estrutura urbana do local; tais como esgoto, ônibus, asfalto; a partir de vinda de novos moradores. Temos que a maioria da população se origina de algum distrito da cidade de Ouro Preto ou de um lugarejo próximo chamado Catarina Mendes, porém têm moradores de outros países e significativamente da capital Belo Horizonte. Observa-se também que houve uma diminuição da segurança e da tranqüilidade, ocorrendo roubos e violência, não tão comuns anteriormente.

Em outras situações o morador reconhece o valor potencial da localidade porque indica ao visitante, porém não valoriza o que possui, por não visitar estes locais. Em questões apontam diretrizes incipientes para que seja feito o planejamento turístico local, são comentários tais como, “definição de um local de venda para artesanato, guias locais do próprio bairro, centro de história e cultura, restaurantes, bares, divulgação, melhor acesso e também desejam conhecer mais sobre o turismo”. Esses desejos incipientes devem dar base a estruturação das atividades a serem desempenhadas no local, tal como a iniciativa de criarem o *Parque das Andorinhas*, que faz parte de discussões recentes do local.

O local começou a receber um fluxo maior de visitantes em função da melhoria feita no acesso por calçamento, constata-se que o turista na maioria das vezes, principalmente os vindos de Belo Horizonte, buscavam conhecer a cachoeira das andorinhas. Atrativo que no período pesquisado já não exercia tanta atratividade em função da falta de segurança do local, problema que em seguida teve paliativo, através da criação de uma guarita, porém ainda não foi solucionado de fato, devida a extensão da área não ser vistoriada. Antes, o local era utilizado inclusive pelo morador local, em seu lazer. O que faz com que esse também se torne conhecido são os atrativos mais próximos, Capela São João e Morro da Queimada, atrativos

históricos dos morros vizinhos.

Em relação à infra-estrutura turística, a região possui dois hotéis fazenda que a compõe de forma incipiente, além do mosteiro Zen Budista que também hospeda.

“Entende-se por lazer todas as atividades desenvolvidas fora do sistema produtivo (trabalho), das obrigações sociais, religiosas e familiares” (TRIGO, 2001). A questão do lazer foi proposta no trabalho, sem que em nenhum momento fosse citada a palavra lazer, pois se acredita que esta seja vista com requinte e distanciamento, num pensamento errôneo de que não esteja presente na realidade de comunidades menos favorecidas. Logo a questão proposta foi “o que você(s) faz(em) nas horas de folga?, e o objetivo esperado foi de que o morador indicasse suas atividades de lazer.

O modelo existencial na sociedade industrial (trabalho, moradia, lazer e viagem) não é o seguido pela maioria da população, pois o tempo livre varia de acordo com qual classe social está inserida a pessoa, dependendo desta não se tem nem mesmo direito à escolha por atividades de lazer. A função produtiva em indústrias comum na região, por exemplo, também é outro fator que interfere diretamente na possibilidade de livre escolha, pois para os sujeitos envolvidos com esta atividade o tempo livre será utilizado para restabelecer a força e recomeçar a trabalho, tempo não-livre. Assim o tempo livre está diretamente associado ao tempo não-livre, tornando-se apenas um adeno deste, só não se enquadrando neste o trabalho, quando é prazeroso. A população local tem características bem discrepantes e distintas, portanto seria inadequado traçar um perfil fechado de lazer na região, mas podemos apontar como atividades mais comuns as de visitar vizinhos e parentes, assistir a TV, a prática da religião (principalmente da Católica), feitiço de trabalhos manuais (com os seguintes fins: uso doméstico, presentear amigos e parentes e venda, em pequena escala), conversas com amigos, descansar e dormir. Há também elementos distintos desta população que têm como essencial e rotineira a prática de viagens, porém em quantidade inexpressiva.

A rígida divisão da vida em duas partes, tais como o bem e o mal, permite a utilização da coisificação, do “lazer não autêntico”, por ter que obrigatoriamente estar ligado a uma atividade de consumo, superficial e criado. O tempo livre deveria ser visto como direito humano não como esmola, e a liberdade de escolha não deveria ter o caráter coercitivo que tem, não deveria estar ligado a necessidades fúteis do mercado ou de determinadas classes sociais, quando o ato de viajar é utilizado como um identificador de status.

Antes o Clube União Recreativo Sebastianense, com sede imponente na praça, não

assume mais o papel recreativo e de lazer que desempenhava. Eram feitos bailes e domingueiras (horas dançantes), que os moradores mais antigos do local se recordam saudosos. O morador local não possui e não desempenha em sua maioria nenhuma atividade cultural⁸, também não dispõe de local apropriado para tal fim. Em contraposição, também não se apropria das atividades culturais que ocorrem na cidade, não desce para prestigiar e participar, salvo em festividades religiosas. A prática de tais atividades poderia ocupar o tempo ocioso, principalmente do público jovem do local, evitando que estes fizessem escolhas erradas. Atualmente só contam com o espaço do campo de futebol, com poucos cuidados, para ocasionais atividades esportivas.

O objetivo primeiro do questionamento não foi alcançado, pois se constatou que o morador local não visita o centro histórico, com o sentido de visitar. Passar freqüentemente pela cidade faz com que o olhar fique viciado, já não contemplativo de tamanha beleza artística que a cidade possui. O morro também serve como refúgio para alguns, parece realmente outro lugar distante, descer ao centro só quando for de extrema necessidade. As festas religiosas servem de base estrutural ao local, contata-se então que o patrimônio imaterial tem valor imensurável.

6. Considerações Finais

Ouvir o saber local é um exercício de interpretação e sensibilidade que pode trazer benefícios ao destino que trabalha o turismo, porém tarefa árdua é buscar entender as relações estabelecidas no espaço de convívio da comunidade, também como sua noção espacial (como vê o mundo) e sentimento de pertencimento, apontada por GEERTZ (1998, p. 86): “...sentir e perceber o mundo como um nativo (uma palavra, que, devo logo dizer, usei aqui “no sentido estrito do termo”) como é possível que antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?”

É preciso ser lembrado que qualquer intervenção deve ser precedida de interação, aproximação e de disponibilidade a ouvir, a fim de buscar não intervir de forma errada. A identidade cultural do local é uma reunião de fragmentos de sua realidade, verdade que associa-se diretamente a afirmação de MAX WEBER⁹, de que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo as teias

⁸ Neste momento não estamos considerando as atividades de prática religiosa e sim as relacionadas as artes cênicas, de entretenimento e lazer, dentre outras, conforme definição de TRIGO.

⁹ Apud GEERTZ, 1973, p. 15.

e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa.

Por fim, conclui-se que alguns moradores ao serem questionados em relação ao turismo local não reconhecem as potencialidades do lugar, na maioria das vezes por fazerem uma comparação e pensar que a atividade turística considerável é somente a que ocorre no centro histórico. Isto pode se dar em função do desconhecimento do turismo e de suas inúmeras possibilidades, como também pela desvalorização do potencial do lugar e ainda pela necessidade de proteger o local, mantendo assim suas características originais e seu sossego. Segundo GRAMMONT (2006, p. 460 apud Turismo, Visão e Análise), “parte da população parece se ressentir do intenso fluxo turístico e da aparente provável¹⁰ má distribuição da renda proveniente dele, sentindo-se excluída do mercado e dos possíveis benefícios turísticos”. Esse é realmente um dos problemas do turismo, a desigualdade entre os que recebem divisas. Geralmente, o turismo como serviço, demanda mão-de-obra, principalmente operacional, mas para tal também exige qualificação, visto que a atividade turística é composta de experiências únicas que tem que dar certo, o serviço prestado tem que ser de boa qualidade. No Morro São Sebastião, temos alguns poucos moradores que vivem de atividades relacionadas ao turismo (por exemplo, atendente em lojas de pedras preciosas, guia de turismo, etc.), a grande maioria trabalha no funcionalismo público ou é aposentado, dentre outras atividades que se destacaram menos, tais como o comércio.

Como comprova o conteúdo do trabalho, esta comunidade tem suas peculiaridades, se diferenciando inclusive por sua ordenação espacial. Este “morro” em oposição aos demais não possui um adensamento de construções desordenadas.

Na maioria das vezes o morador vai ao centro histórico para fins distintos não relacionados a lazer, tal como, uma vez ao mês para receber ou fazer compras, isto quando não às faz no próprio bairro que dispõe de três pequenas mercearias, com pouca variedade, são interesses muito distintos do de *visitar*, existe inclusive casos de moradores locais que desconheça por completo todos os atrativos turísticos da Cidade Patrimônio da Humanidade, visitada por pessoas de todo o mundo. Atualmente a comunidade em sua maioria está mais ligada à prática religiosa em festividades da igreja católica, conforme tradição local mineira, relatando, entretanto que em um passado distante conheceram alguns pontos da cidade. Por

¹⁰ A autora em questão é de família tradicional de Ouro Preto e nos coloca a par de que seu trabalho não pretende se aprofundar em questões relativas aos benefícios de fato obtidos ou não pela população.

outro lado, quem já visitou uma vez não volta mais.

A sensibilização do morador local deve ser planejada, voltando-se às necessidades da prática do turismo, visto que cada morador de um destino deve se sentir responsável por tornar agradável a estada do turista nesta localidade. Para que isso aconteça é necessário que o conhecimento do que é turismo, conceitos básicos e elementares, de forma padronizada, com a finalidade de atingir um número maior de público. A partir deste conhecimento, o indivíduo perceberá como poderá prestar serviço e ou empreender no turismo, então se pode pensar em uma população que defenda o turismo, como também deverá defender e preservar os atrativos do local, tanto naturais quanto histórico-culturais. Para que se possa desenvolver o sentimento de pertencimento da comunidade, esta implícito que haja o *conhecimento*, para que a partir dele sejam reconhecidos os valores reais e potenciais. A partir da retomada de valores culturais e ambientais ameaçados, contando com assessoria, a comunidade assume a definição de seus próprios caminhos e escolhas de modalidades de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Lúcia Machado de. **Passeio a Ouro Preto**. São Paulo: USP, 1980.

CHOAY, Françoise – 2001. **A Alegoria do Patrimônio**. Editora UNESP, São Paulo. Capítulos 03, 04, 05 e 06.

FÓRUM DE DESENVOLVIMENTO DE OURO PRETO. **Programa de Mobilização e Articulação Comunitária**. Ouro Preto, março de 2004.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Dossiê de restauração da Capela do Morro de São Sebastião**. Execução em 05/1973, Mariana e Ouro Preto.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2001.

GRAMMONT, Anna Maria de. Ouro Preto: problemas de um patrimônio histórico no início do século XXI. Turismo, Visão e Análise. **Revista Científica do curso de pós-graduação stricto sensu em turismo e hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí**. Vol. 08, n. 03, set-dez de 2006.

GEERTZ, Clifford – 1975. **The Interpretation of Cultures**. Hutchinson of London. Capítulos 01, 02 e 15.

_____ - 1998. **O Saber Local**. Zahar Editores, Rio de Janeiro. Cap. 03.

TAMASO, Isabela – **Palestra: Sociedade Local, Preservação do Patrimônio e Turismo** (Goiás Velho – Patrimônio, IPHAN e população local). CET-UnB, maio, 2007.

_____ - 2002. Preservação dos Patrimônios Culturais: direitos antinômicos, situações ambíguas. **Anuário Antropológico /98**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo Básico**. 5ªed. ver.atual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

TRIGUEIRO, Karla; VILLASCHI, Juca. **Memória e Cidadania: projeto piloto da comunidade do Morro São Sebastião – Ouro Preto(MG)**. In: O Turismo como força transformadora do mundo contemporâneo. Coletânea do XXV Congresso Brasileiro de Turismo (CBTUR) 2005, realizado em Belo Horizonte-MG. São Paulo: Roca, 2005.

WOORTMANN, Klaas – **Palestra: Tradições, Festas e Turismo**. CET-UnB, junho 2007.